

ESPORTES

HOMENAGEM

Ganhadores do Mundial de 1958 conhecem a redação do Correio, no segundo dia da passagem por Brasília. Zagallo, Zito, Pepe, Dino Sani e Mazzola falam da célebre conquista

VISITA DE CAMPEÕES

O SEMPRE AGITADO AMBIENTE DE UMA REDAÇÃO DE JORNAL GANHOU MAIS MOVIMENTO COM A VISITA DE CINCO CRAQUES QUE TROUXERAM PARA O BRASIL, EM 1958, A PRIMEIRA COPA DE MUNDO. OS PONTEIROS-ESQUERDOS ZAGALLO E PEPE, OS VOLANTES ZITO E DINO SANI E O CENTROAVANTE MAZZOLA PEGARAM DE SURPRESA QUASE TODOS OS JORNALISTAS DO CORREIO BRAZILIENSE. O ALVOROÇO,

REFORÇADO POR UM ALEGRE GRUPO DE CRIANÇAS DA ESCOLA NOSSA SENHORA PERPÉTUO SOCORRO (LAGO SUL), QUE CONHECIAM A REDAÇÃO, FOI ESPONTÂNEO. "É O ZAGALLO! É O ZAGALLO!", GRITOU UM DOS MENINOS, AO IDENTIFICAR O MAIS FAMOSO DELES.

CAMINHANDO PELO CORREDOR CENTRAL EM DIREÇÃO À SALA DE REUNIÕES, TRAZIDOS PELO SECRETÁRIO DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL, SILVESTRE GORGU-

LHO, OS ÍDOLOS DESFILARAM SOB PROLONGADOS APLAUSOS. O AMBIENTE DESCONTRAÍDO MARCOU O SEGUNDO DIA DA FESTA 50 ANOS DA CONQUISTA DA COPA DO MUNDO, HOMENAGEM ORGANIZADA PELA EMBAIXADA DA SUÉCIA E PELO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. O DIRETOR VICE-PRESIDENTE DO CORREIO, ARI CUNHA, SAUDOU OS CAMPEÕES. O TRIBUTO AOS VELHOS ASTROS TERMINA NO SÁBADO E INCLUI NA PROGRAMA-

ÇÃO A EXIBIÇÃO DE FILMES, SEMINÁRIOS E EXPOSIÇÕES. ALÉM DOS CINCO EX-CRAQUES, O ZAGUEIRO ORLANDO, O MEIA MOACIR E O LATERAL-DIREITO DE SORDI JÁ ESTAVAM EM BRASÍLIA. DJALMA SANTOS, TAMBÉM LATERAL-DIREITO, E O EX-RADIALISTA LUIZ MENDES, CHEGARAM À CIDADE NO DECORRER DO DIA E SE JUNTAM HOJE AO GRUPO. PELÉ DESEMBARCA NA CIDADE HOJE PARA A INAUGURAÇÃO DA MOSTRA AS MARCAS DO REI, O EX-ZAGUEIRO BE-

LLINI, CAPITÃO DAQUELA EQUIPE, AMANHÃ. O LATERAL-ESQUERDO NILTON SANTOS E O GOLEIRO GILMAR, COM PROBLEMAS DE SAÚDE, NÃO PODERÃO COMPARECER — GILMAR SERÁ REPRESENTADO PELO FILHO MARCELO NEVES. ONTEM À NOITE, FOI REALIZADO O LANÇAMENTO DA EXPOSIÇÃO SELANDO O FUTEBOL ARTE, PELOS CORREIOS. A SEGUIR, OS PRINCIPAIS TRECHOS DA ENTREVISTA COM OS ÍDOLOS.

FÔLEGO DE SOBRA

Eram quase 10h da manhã quando Zagallo sentou-se numa cadeira, tirou os sapatos e as meias e levantou as barras da calça até as canelas. "Bota um cimento aí. Vamos lá", brincou o ex-ponta-esquerda, treinador e coordenador-técnico da Seleção Brasileira, que se preparava para deixar as marcas dos pés numa espécie de calçada da fama. No terraço do Hotel Meliá Brasília, o único homem quatro vezes vencedor da Copa do Mundo iniciava uma longa maratona em Brasília, a qual começara por volta de 8h30 da manhã e terminaria perto das 18h, momento em que rumou volta para o hotel.

Zagallo não estava sozinho. Passaria a maior parte da terça-feira ao lado dos outros campeões de 1958 que estão em Brasília. "É cansativo, mas a gente tem prazer nisso", contou Dino Sani, que aguardava, sentado ao lado do Velho Lobo, a vez de receber homenagem. Mazzola, de pé, era o terceiro da fila. Quatro funcionários do Meliá e 14 profissionais envolvidos com o evento observavam o trio. Pepe, Zito, Orlando e De Sordi, que luta contra o Mal de Parkinson e está numa cadeira de rodas, chegaram logo depois, além de outros curiosos e jornalistas. O único que não teve tempo de deixar a marca foi Moacir, por ter se atrasado. O local de exposição não foi definido.

De lá, entraram numa van e seguram para o restaurante Oliver, no Clube de Golfe de Brasília, no Setor de Clubes Sul. Foram logo abor-

José Varella/CBDA Press



DINO SANI DEIXOU A MARCA DOS PÉS PARA UMA FUTURA CALÇADA DA FAMA DO DF

correibraziliense.com.br

Veja na internet: galeria de fotos

Confira na internet: programação aberta ao público

dos por um grupo de cinegrafistas e fotógrafos, ainda mais numerosos para uma sessão de imagens. Reunidos em torno de uma mesa, Zito, Pepe e Zagallo, os mais assediados, tomavam suco de laranja, atendiam a imprensa e distribuíam autógrafos. Havia dois suecos na casa, também homenageados: Kurt Hamrin, ponta-direita naquela Copa, e Bengt Agren, membro do comitê organizador do torneio. "Deixamos o Brasil jogar com muita liberdade. Isso foi fatal", lamentou o simpático Hamrin, 74 anos, acompanhado da mulher.

Os ex-jogadores deixaram a parte externa do restaurante a seguir para o salão após a chegada do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda. Sentaram-se lado a lado e, após o discurso de Arruda, concederam animada entrevista coletiva. Cerca de 100 pessoas ocupavam o espaço de 300m². "Esperava apenas 50", contou Rodrigo Freire, sócio do Oliver. "A ideia era atender também os clientes comuns. Mas o gerente ligou e achei melhor fechar a casa só para a festa."

O almoço foi servido às 13h. Orlando, De Sordi e Moacir não participaram do compromisso seguinte e regressaram ao hotel. Zagallo, Zito, Pepe, Mazzola e Dino Sani visitaram o Espaço Cultural da 508 Sul, onde conversaram sobre futebol com crianças de escolas públicas do DF. Era a última parada antes da visita ao Correio Braziliense, que encerrou os quase 10 horas de atividade. Nada mal para senhores com uma média de idade de quase 78 anos. (RF)

Cadu Gomes/CBDA Press



ARRUDA HOMENAGEOU PEPE, ZAGALLO, ORLANDO, MOACIR, MAZZOLA, O SUECO HAMRIN, ZITO E DE SORDI (NA CADEIRA DE RODAS)

PONTO-A-PONTO// ZAGALLO, PEPE, ZITO, DINO SANI E MAZZOLA

ÍDOLO DE TODAS AS GERAÇÕES

PAULO ROSSI
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando ele entrou na redação do Correio Braziliense, a criança-da-fô foi à loucra. Alunos da Escola Nossa Senhora Perpétuo Socorro (Lago Sul), que participavam do programa Leitor do Futuro, correram em direção ao ídolo, em busca de fotos e autógrafos. Não se tratava de Kaká, nem de Ronaldinho Gaúcho. Os torcedores mirins se emocionaram com a presença de Zagallo, 76 anos, tetracampeão mundial pela Seleção Brasileira — duas vezes como jogador, uma como treinador e uma como coordenador técnico.

Mesmo afastado dos holofotes desde a Copa de 2006, o Velho Lobo segue com o carisma intacto. Na visita que os craques da conquista de 1958 fizeram ao Correio, ontem à tarde, ele se desdobrou para atender aos fãs de todas as idades. E, em entrevista ao site do jornal (www.correibraziliense.com.br), contou histórias marcantes de cinco décadas atrás.

Zagallo não se esquece da gentileza dos suecos, nossos adversários na decisão: "Tinha chovido nos três dias antes da final e eles sabiam que o futebol brasileiro não gosta de jogar na lama. Botaram uma lona para proteger o gramado da chuva. No dia do jogo, a bola rolou normalmente e nós metemos 5 x 2". Com dois pontas-esquerdas natos no elenco de 1958 — Pepe, que também visitou ontem o Correio, e Canhoto, que acabou cortado antes do Mundial —, o então craque do Flamengo se viu obrigado a mudar suas características para garantir uma vaga no time titular. Surgiu o ponta falso, que fechava o

meio-de-campo. "Nos juvenis, eu era camisa 10. Notei que não teria chance e passei a jogar com a 11, mas meu estilo era de driblador. Tive que mudar porque, nos treinos do Flamengo, o Fleitas Solich (técnico paraguaio) marcava falta quando eu driblava. Comecei a soltar mais a bola. Isso me fez titular na Suécia, numa função totalmente diferente do que o se fazia na época."

Lenços brancos

Ao brilhar na Suécia, Zagallo foi à fora do maracanazo da Copa de 1950. O então jovem que servia ao Exército era um dos 200 mil torcedores que lotaram o Maracanã e choraram a dor da derrota diante do Uruguai. "Antes do jogo, a festa foi linda. Milhares de lenços brancos agitados na arquibancada. E o Brasil, que jogava pelo empate, fez 1 x 0. Aí veio o desastre." Duas copas mais tarde, lá estava o jogador Zagallo esguendo a Copa do Mundo: "Nunca poderia imaginar que, oito anos depois, eu estaria em campo numa conquista da Seleção".

Bicampeão no Chile, tri no México, o técnico da Seleção, Zagallo não hesita em apontar os times de 1958 e de 1970 como os melhores da história. "A Seleção de 1982 também era excelente, mas não chegou nem em quarto lugar", lamenta.

A ausência na festa do cinquentenário de craques já falecidos, como Garrincha, Didi e Vavá, deixa uma ponta de frustração em Zagallo: "Dentro da alegria de estarmos aqui, em Brasília, tem a tristeza daqueles que já se foram. O Brasil deveria seguir o exemplo da Europa e fazer das homenagens a ex-campeões uma rotina. Por que não todo ano?".

SAUDADES

Zito — "As homenagens nos deixam muito contentes. Mas sentimos falta dos que já se foram. Sempre que nos encontramos, lembramos os que nos deixaram."

EMOÇÕES

Mazzola — "A maior emoção foi quando chegamos ao Rio de Janeiro e, ainda no espaço aéreo, fomos escutados por aviões da Força Aérea Brasileira. Foi ali que senti a festa que estava sendo preparada lá embaixo, pelo povo."

PIOR MOMENTO

Dino Sani — "Quando tomei uma bola pelo meio das pernas, nem lembro o nome do jogador, mas foi ali que nasceu o segundo gol da França (semifinal, vencida pelo Brasil por 5 x 2). Lembro com ódio daquele lance."

GOL MAIS BONITO

Zito — "Ah, foi o do Pelé, na vitória sobre o País de Gales (1 x 0, nas quartas-de-final). O negócio estava feio. A gente sabia que ia vencer, mas o jogo estava terminando e nada de gol. Aí, o Pelé resolveu. E nem chutou com força, foi colocado. Ele era o nosso mascote."

JOGO MAIS DIFÍCIL

Pepe — "Foi também contra o País de Gales. Se a gente empatasse, teria prorrogação e depois outro jogo, se preciso. Não tinha esse negócio de decisão nos pênaltis."

DORMINHOCO

Zito — "Feola (Vicente Feola, técnico da equipe) não dormia,

não. Cochilou um pouquinho, mas sabia o que se passava dentro de campo. Ele tinha um espião, o Adolpho (Adolpho Milman), para informá-lo sobre os adversários porque não se sabia nada deles."

BAILE

Zagallo — "Os adversários não eram estudados do jeito que são hoje. O treinador tinha de confiar no observador. Mas no jogo da Austrália (vitória por 3 x 0) não teve isso porque era a estreia. Levamos um baile nos primeiros 20 minutos até nos acertarmos."

RECONHECIMENTO

Dino Sani — "Reconhecimento nada! Só agora, 50 anos depois, é que estamos recebendo homenagens. E apenas aqui em Brasília."

SELEÇÃO ATUAL

Dino Sani — "Só tem pedreiro, todo mundo construindo, armando. O que vai sair dali? Um monte de cimento. É isso. Temos de falar a verdade."

PRÊMIOS

Mazzola — "Ganhei uma bicicleta Monark, um relógio folheado a ouro da revista *O Cruzeiro* e um dinheiro da CBD (Confederação Brasileira de Desportos, hoje CBF), mas era muito pouca coisa. Naquele tempo, não havia tanto dinheiro."

Pepe — "A maioria dos prêmios era quinquilharia. O mais valioso que eu ganhei foi uma bicicleta. E um terço da Duca. Tinha o direito de fazer um todo mês de junho. Imagina dizer isso para o Ronaldinho Gaúcho."



Só os grandes talentos são originais

Se a LDU dominar a partida e chegar mil vezes à cara do goleiro Fernando Henrique, como ocorreu no primeiro jogo entre os dois times na primeira fase, o Fluminense correrá grandes riscos de perder por uma diferença de dois ou mais gols. Ficaria difícil tirar essa vantagem no Maracanã.

Como a LDU se caracterizou na Libertadores por perder um enorme número de gols e o Fluminense não deve dar a mesma moleza, são boas as chances de conseguir um bom resultado. Para isso, é preciso marcar um pouco mais na frente para evitar a pressão e, nas alturas, correr menos com a bola.

Será uma partida de 180 minutos, diz o antigo chavão. Mas os primeiros 90 minutos podem determinar o que vai acontecer nos outros 90. Esse é outro chavão. A vida é quase sempre uma repetição. Só os gênios e os maiores talentos são originais. E eles são cada dia mais raros.

Evolução e involução

É cada dia mais frequente nos times e seleções da Europa a presença de dois jogadores pelos lados, que recuam para marcar, e depois avançam como pontas e/ou se aproximam do centroavante. Podem dizer que essas equipes atuam com um ou com três atacantes. Não faz diferença.

Todas as seleções na Eurocopa atuam com uma linha de quatro defensores. Não existe o terceiro zagueiro nem o volante-zagueiro, que os técnicos brasileiros tanto gostam. Todos os volantes são armadores.

Os treinadores das equipes que não jogam com dois atacantes pelos lados perceberam que o avanço alternado dos laterais é uma importante jogada ofensiva. O problema é que eles não possuem laterais que sabem apoiar. O tão criticado Maicon seria titular de qualquer seleção da Europa. A Argentina também pensa assim, tanto que colocou um jogador só para marcá-lo.

Os treinadores europeus perceberam ainda que o futebol na Copa de 2006 foi muito chato, previsível, defensivo, e tentam evoluir. Enquanto isso, a Seleção Brasileira anda para trás.

Interesses econômicos

Antes de jogar pela Seleção olímpica ou principal, Ronaldinho deveria atuar em um clube. A pressa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para colocá-lo no time olímpico é decorrente principalmente de interesses econômicos da entidade e de seus parceiros, que precisam de uma estrela nas Olimpíadas. Ainda mais sem Kaká.

O "nobre desejo" da CBF e da comissão técnica de recuperar o jogador está a reboque dos interesses econômicos e também técnicos, de formar um time melhor. De qualquer maneira, espero que Ronaldinho se recupere. Seria ótimo para ele, para a Seleção e para o futebol.

Faltas e pênaltis

Continua o enorme número de faltas e pênaltis no futebol brasileiro. Dois dos três pênaltis marcados a favor do Grêmio contra o Atlético-PR foram absurdos. O problema não é de diferença de estilos nem de critérios da arbitragem no Brasil e na Europa, é de incompetência, de quem conhece regras, mas não conhece nada sobre um jogo de futebol.

(*) *Campeões que já morreram: Zózimo (1977), Garrincha (1983), Oreco (1985), Castilho (1987), Didi (2001), Vavá (2002), Dida e Mauro (2002) e Joel (2003).*